



Março 2004 - N°1

SUMÁRIO

•**Editorial**

José Manuel Pureza

(Página 1)

•**Teoria da P@X**

“Desafios actuais aos estudos para a paz: uma permanência e três novidades”

José Manuel Pureza

(Página 2)

•**Observatório das P@xes**

Lugares de guerra e de paz

• Iraque

• Libéria

Fazedores de P@xes

• Nobel da Paz

(Página 3)

•**Estudos sobre a P@x**

“Estados adjectivados”

David Sogge

(Página 4)

•**No sótão do NEP**

Recensão

(Páginas 5 e 6)

Memória de Actividades do NEP

(Página 7)

P@X

-Coordenação do Núcleo de Estudos para a Paz:

José Manuel Pureza

-Coordenação do Boletim P@X:

Mónica Rafael Simões

-Colaboradora:

Ângela Marques

Núcleo de Estudos para a Paz

Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia

da Universidade de Coimbra

Colégio S. Jerónimo, Apartado 3087

3001-401 Coimbra

Portugal

Tel: + 351 239 855584

Fax: + 351 239 855589

<http://www.ces.uc.pt/nucleos/nep>

nep@ces.uc.pt

Editorial

Este é o primeiro número do P@X, boletim online do Núcleo de Estudos para a Paz do Centro de Estudos Sociais.

A disseminação de conhecimento sobre transformação e solução pacífica dos conflitos e sobre estratégias de afirmação e consolidação da paz constitui uma tarefa irrecusável para quem, numa lógica de articulação entre trabalho académico e intervenção cidadã, assume o campo da paz como um lugar de condensação das leituras críticas da realidade internacional.

O P@x será expressão dessa consciência. Por isso, serão quatro os seus traços de identidade fundamentais.

Em primeiro lugar, uma *perspectiva cosmopolita*. Urge reforçar em Portugal o conhecimento das dinâmicas conflituais internacionais e do trabalho pela paz, tornando-os próximos dos decisores políticos, dos fazedores de opinião e dos movimentos sociais. A sensibilização mediática, feita de flashes e de soundbytes, coloca-nos como voyeurs dos dramas longínquos mas mantém sempre esses conflitos distantes e misteriosos. A opacidade que a guerra e a paz assumem quase sempre, só se combate com mais e melhor conhecimento.

Em segundo lugar, uma *óptica normativa*. Não queremos estudar os conflitos para os conhecer mas para os transformar. Não nos move a sobrançeria de ditar leis objectivas para interpretar para todo o sempre a eclosão dos conflitos ou as hipóteses de paz. Queremos, isso sim, estudar para mudar e mudar para dar primazia à paz sobre a violência.

Em terceiro lugar, uma *abordagem multidimensional*. Há muitas violências (directa, estrutural, cultural). E a cada violência corresponde a sua paz. O diálogo interdisciplinar é uma arma imprescindível dessa paz ambiciosa. Porque é de ambição que se trata: à espuma dos dias da conflitualidade importa opor a solidez de uma paz funda e sustentável.

Por fim, um *propósito pedagógico*. Educar para a paz é, antes de tudo, educar para os conflitos. Porque a conflitualidade é um bem sem o qual o risco de estagnação é insuportavelmente grande. Mas académicos, activistas, homens e mulheres de todas as proveniências, têm que adquirir e treinar competências para combinar a estima pelo conflito com a sua transformação não violenta.

É este o nosso horizonte. Vai ser assim o P@X.

José Manuel Pureza

DESAFIOS ACTUAIS AOS ESTUDOS PARA A PAZ: UMA PERMANÊNCIA E TRÊS NOVIDADES

A escola dos estudos para a paz é uma das linhagens nobres do pensamento político contemporâneo, marcada pela sua orientação crítica e comprometida.

Os *peace studies* emergiram no campo das Relações Internacionais como uma proposta contestatária da regra estabelecida pelo realismo nesse terreno disciplinar. Pela mão dos pais fundadores realistas, as Relações Internacionais tornaram-se num discurso legitimador da procura insaciável de poder e do uso da violência e da guerra como instrumentos “normais” do relacionamento inter-estatal. A centralidade do interesse nacional de cada Estado (dos Estados mais poderosos, naturalmente...) e a lógica competitiva foram naturalizados e tidos como pilares de um discurso científico sobre a vida internacional. A este panorama conservador e retrospectivo (a História como a única fonte de leis objectivas), os *peace studies* vieram opor uma orientação para o futuro. É um futuro diferente, e não um eterno presente, que dá sentido aos estudos para a paz. Daí a sua orientação para a acção. São estudos *para* a paz, mais do que estudos *sobre* a paz. Quer dizer, preside-lhes uma visão assumidamente normativa e transformadora. O seu discurso não equipara objectividade com neutralidade e compreende-se a si mesmo como um instrumento de mudança da realidade e não apenas da sua compreensão passiva. Essa mudança tem a paz como *leitmotiv*. Mas é de uma paz ampla e plural que se trata, uma construção de largo espectro que seja afinal alternativa não só à violência física directa mas também às violências estrutural e cultural.

Desenvolvida desde a década de 60, esta abordagem das relações internacionais confronta-se hoje com uma realidade nova. São fundamentalmente três os desafios que lhe estão lançados neste princípio de século.

Em primeiro lugar, o da *paz regulada*. Depois dos precedentes do Kosovo e sobretudo do Iraque, a questão da paz passou a ser cada vez mais articulada com a necessidade de reforçar os poderes regulatórios de instâncias internacionais multilaterais. O que era procedimento tornou-se substância.

Em nome de referências que muito devem aos estudos para a paz – segurança humana, emergências políticas complexas, estados frágeis – as potências relegitimam cada vez mais a guerra ou a intervenção unilateral, estilhaçando o contrato planetário de segurança colectiva consagrado na Carta das Nações Unidas. Um conhecimento comprometido com a paz não pode deixar de afrontar esta deriva desregulada como seu desafio número um.

O segundo repto é o da *desocultação das vozes silenciadas*. As construções dominantes sobre a paz e os conflitos têm ignorado as percepções de grupos humanos dominados, como as mulheres, as minorias, os povos indígenas ou as autoridades comunitárias e tradicionais. Na academia, nos media e no senso comum, tem-se canonizado um discurso sobre a guerra, mas também um discurso sobre a paz, feito à margem dos actores subalternos do sistema mundial. Importa aprender com as experiências anónimas e ignoradas desses actores e dar continuamente novidade aos caminhos de solução pacífica dos conflitos.

O terceiro desafio é o do *pluralismo*. As vias concretas para transformar de modo não violento os conflitos não são padronizadas *a priori*. Mas a tentação parece ser grande. Dos principais *think tanks* internacionais brotam modelos e metodologias pronto-a-usar que são disseminadas pelo “mercado dos conflitos”. Há hoje um receituário estabilizado de fórmulas de construção da paz que se serve à mesa das negociações como se de comida liofilizada se tratasse: sem diferenciação, reduzida a pó, metida em embalagens atraentes e desvitaminada. É, porém, uma paz forte e exigente, enraizada nas circunstâncias singulares de cada lugar e de cada cultura, que os conflitos actuais requerem.

Cabe às universidades, aos centros de investigação e ao mundo da informação encontrar articuladamente as respostas criativas para estes desafios.

José Manuel Pureza

Observatório das P@xes

Lugares de guerra e de paz

IRAQUE

Jesus Nuñez Villaverde, Francisco Rey Marcos, "Iraq en su laberinto: Apuntes para una Salida", Informe elaborado por el CIP-FUHEM y el IECAH con ocasión de la Conferencia de Donantes para la Reconstrucción de Iraq. (Madrid, octubre de 2003).

(<http://www.fuhem.es/cip/Informe%20Conferencia%20Donantes%20Iraq%20CIP-IECAH%20Oct-03.pdf>)

ICG Middle East Report N° 20, *Iraq: Building a New Security Structure*, 23 December 2003

(http://www.crisisweb.org/library/documents/middle_east_north_africa/20_iraq_new_security_structure.pdf)

Paul Rogers, "'War on Terror': a balance sheet", *Open Democracy*, 29 December 2003

(<http://www.opendemocracy.net/themes/article-2-1662.jsp>)

Human Rights Watch, *Off Target. The Conduct of the War and Civilian Casualties in Iraq*, December 2003

(<http://www.hrw.org/reports/2003/usa1203/usa1203.pdf>)

Jeffrey Record, *Bounding the Global War on Terrorism*, Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, December 2003

(<http://www.carlisle.army.mil/ssi/pubs/2003/bounding/bounding.pdf>)

Joseph Cirincione, Jessica T. Mathews, George Perkovich and Alexis Orton, "WMD in Iraq. Evidences and Implications", *Carnegie Endowment for International Peace*, January 2004

(www.ceip.org/files/pdf/Iraq3FullText.pdf)

LIBÉRIA

International Crisis Group, *Tackling Liberia: The Eye of the Regional Storm*, ICG Africa Report n°62, 30 April 2003

(http://www.crisisweb.org/library/documents/report_archive/A400960_30042003.pdf)

Emira Woods and Carl Patrick Burrowes, "Liberia: Beyond the Troops-No-Troops Debate", *Foreign Policy in Focus*, August 2003

(<http://www.fpif.org/papers/liberia2003.html>)

Mohamedu F. Jones, "The Peace Agreement: an analysis of some provisions", *The Perspective*, August 29, 2003

(<http://www.theperspective.org/peaceagreement.html>)

Mariano Aguirre, "No one cares about Liberia", *Reuters AlertNet Viewpoint*, September 2003

(<http://www.alertnet.org/thefacts/reliefresources/LRaguirreEng.htm>)

International Crisis Group, *Liberia: Security Challenges*, ICG Africa Report n°71, 3 November 2003

(http://www.crisisweb.org/library/documents/africa/071_liberia_security_challenges.pdf)

"The Guns are in the Bushes": *Continuing Abuses in Liberia*, A Human Rights Watch Briefing Paper, January 2004

(<http://hrw.org/backgrounder/africa/liberia0104.pdf>)

Fazedores de P@xes

NOBEL DA PAZ 2003

Iranian Children's Rights Society

(<http://www.iranianchildren.org/ebadi.html>)

Hossein Derakhshan, "Censor this: Iran's web of lies", *Open Democracy*, 22 January 2004

(<http://www.opendemocracy.net/debates/article-8-85-1683.jsp>)

International Crisis Group, *Iran: Discontent and Disarray*, Middle East Briefing, Brussels, 15 October 2003

(http://www.crisisweb.org/library/documents/middle_east_north_africa/iran_discontent_disarray.pdf)

Human Rights Watch, *Iran - HRW World Report 2003*, 2003

(<http://www.hrw.org/wr2k3/mideast3.html>)

Payvand's Iran News, "The Nobel Peace Prize 2003 - Shirin Ebadi, Iran", 12 October 2003

(<http://www.payvand.com/news/03/dec/1065.html>)

Fédération Internationale des Ligues des Droits de l'Homme, FIDH assessment of the EU/Iran human rights dialogue, Paris, 1 December 2003

(<http://www.fidh.org/asia/rapport/2003/ir0112a.pdf>)

Estudos sobre a P@X

Há não muito tempo, uma característica central da estratégia ocidental era o *Rollback*. O seu objectivo específico era o de derrotar governos “comunistas” em países não ocidentais. Houve também um outro tipo de pressão, coexistindo com a anterior mas com um objectivo mais amplo, o de enfraquecer o Estado - nas palavras de um político americano, “de os reduzir a um tamanho em que os possamos afogar na banheira”. Uma justificação para o enfraquecimento do Estado era a de que este tende naturalmente a falhar; ao contrário dos mercados que não falham, dizia-se. Os evangelistas do fundamentalismo de mercado podiam elegantemente apontar para a ‘fragilidade estatal’ como uma prova da necessidade dos seus ensinamentos dogmáticos.

Após cerca de vinte anos a enfraquecer e deslegimitar Estados e a promover a doutrina de que tudo está à venda, sabe-se agora que estas estratégias impõem custos imensos. Nos países alvo da África, América Latina e da antiga União Soviética, centenas de milhões de pessoas suportaram estes custos. Mas os países ocidentais estão também a pagar um preço, à medida que a desordem, a pobreza e o ressentimento dos países alvo lhes batem à porta - através de migrantes, drogas, armas, mafias e, mais dramaticamente, assassinio em massa e destruição dos símbolos de poder ocidentais. Os custos traduzem-se em oscilações perigosas nos padrões de comportamento eleitoral, nas restrições governamentais aos direitos básicos, no empolar dos orçamentos para as forças armadas e a polícia, e na recuperação de bancos cujos empréstimos aos países pobres fracassaram.

Num mundo que se tornou um espaço único, os locais distantes com problemas e violência não estão, afinal de contas, tão distantes assim do Ocidente.

Estados em colapso, fracos, frágeis, diminuídos - Estados adjectivados - já não são apenas as preocupações singulares de agências de cooperação e de um pequeno número de jornalistas e académicos. Em particular após o 11 de Setembro de 2001, estão no ‘radar’ dos militares, diplomatas, académicos, ONG e estrategas. As atitudes para com o Estado também sofreram alterações. De acordo com as versões fortes do dogma, o governo tinha de ser encolhido, ou mesmo afogado na banheira. Agora, no quadro das versões mais fracas, está para ser reinventado e receber funções de ‘*nation building*’ - embora principalmente com poderes para manter a ordem pública.

Hoje em dia, dos mesmos que advogavam um enfraquecimento do Estado, surgem definições dos problemas dos ‘Estados falhados’ em termos de soluções preferenciais: a imposição de novos regimes a partir do exterior e do topo para a base, ocupação militar e protectorados. Isto é, imperialismo adjectivado - como ‘benigno’ ou ‘humanitário’.

ESTADOS

Para os académicos e activistas políticos que visam promover alternativas emancipatórias, esta situação parece terrível, mas não é totalmente desesperada. Alguns decisores políticos, especialmente na Europa, estão abertos a novas ideias. Um conjunto de questões e de hipóteses sobre Estados enfraquecidos apresenta-se para uma renovada pesquisa e debate. Entre elas, existem oportunidades para:

- Mudar o centro de atenção de nações como a Somália ou o Afeganistão para sub-regiões como o sul das Filipinas e mesmo áreas urbanas, tais como no Brasil, onde a ordem pública é extremamente frágil ou mesmo inexistente.

- Abordar o colapso estatal menos como um acidente infeliz e mais como um resultado de uma política deliberada. Este foi o caso das antigas Repúblicas Soviéticas, de acordo com Jeffrey Sachs, um arquitecto da ‘terapia de choque’ nesses países. Um Estado frágil pode ser analisado como algo que os líderes predadores perpetuam na medida em que lhes é útil, tal como na África Subsahariana, onde a desordem tem sido ‘instrumentalizada’ por políticos e senhores da guerra.

- Estudar os sistemas normativos globais que promovem as condições para o colapso estatal, tais como o segredo bancário, as liberdades das multinacionais para o suborno, a “guerra contra as drogas” e os sistemas económicos incoerentes que redistribuem a riqueza dos pobres para os ricos.

- Estudar os acordos nacionais que permitem uma maior transparência na utilização e alocação de recursos públicos e privados (tal como o investimento estatal em regiões e grupos étnicos) e que restringem as ‘soluções’ de baixa intensidade democrática mas que estimulam tendências para a polarização social.

- Finalmente, olhar para o Norte, assim como para o Sul e o Oriente, pode ajudar ao nosso entendimento dos Estados frágeis e do que pode ser feito a esse respeito. Silvio Berlusconi não é nenhum Mobutu, mas uma comparação das suas respectivas incidências sobre as instituições públicas em Itália e no Congo pode trazer uma nova luz ao entendimento sobre os processos de fracasso estatal.

David Sogge
(Transnational Institute, Amsterdão)

No sótão do NEP

Recensão

Pureza, José Manuel,
 Ferrandíz, Francisco (2003) (orgs.),
*Fogo sobre os media: informação,
 conhecimento e crítica em conflitos
 armados*. Coimbra: Quarteto
 Editora.

Actualmente a questão da importância do jornalismo ou da informação independente, alternativa e comprometida, e do seu potencial papel na transformação de conflitos e mentalidades reveste-se de importância redobrada, sobretudo após a II Guerra do Golfo, e muito em especial após a emergência dos chamados “embedded journalists” durante esta guerra.

Se, por um lado, as novas tecnologias facilitam e agilizam o trabalho dos media, por outro, incentivam a manutenção e a supremacia da sociedade do espectáculo, da cultura do “ver para crer”, da homogeneização do pensamento e da informação. Actualmente cerca de 70% das informações internacionais provêm de três agências noticiosas: a Associated Press, a Reuters e a France Press (Aldás, 2002). Esta informação dominante formata e influencia a opinião pública e tem capacidade e poder para perpetuar (ou não) os conflitos armados que são alvo de notícia.

Foi precisamente para analisar a difícil relação entre media e conflitos armados que a HumanitarianNet [1] promoveu dois colóquios internacionais, em Abril de 2001 (Amsterdão) e em Abril de 2002 (Coimbra). *Fogo sobre os media: informação, conhecimento e crítica em conflitos armados* é o produto desses colóquios, que reuniram jornalistas, activistas e académicos num debate que teve como principal objectivo a análise crítica dos princípios, instrumentos e fins da indústria noticiosa dominante e da necessidade de alternativas.

O livro divide-se em duas partes. Numa primeira parte, composta por seis capítulos, e após uma introdução dos seus coordenadores, José Manuel Pureza (Universidade de Coimbra) e Francisco Ferrandíz (Universidade de Deusto, Bilbao), são analisados os debates que moldam os discursos sobre a relação entre media e conflitos armados. São eles o debate entre conhecimento e informação, o debate que confronta o direito à informação e a manipulação desta informação e o debate entre jornalismo de guerra e jornalismo para a paz.

Dentro do primeiro debate, os capítulos de Mariano Aguirre e de Magnus Oberg e Margareta Sollenberg dão-nos conta da necessidade de produção de um conhecimento sistemático sobre as chamadas “novas guerras” como única forma de superar a dicotomia simplista que opõe a “narrativa do caos” à “narrativa humanitária”.

O segundo debate, sobre o direito à informação e a manipulação desta informação, é desenvolvido e analisado por Edouard Markiewicz, Jonathan Steele e Pedro Caldeira Rodrigues. Markiewicz coloca em evidência a necessidade de habitantes de zonas em conflito terem acesso a informação fiável que, em situações de vulnerabilidade, pode constituir um instrumento de sobrevivência importante. Para Jonathan Steele, a emoção é necessária para *noticiar com discernimento*, para prevenir o cinismo jornalístico. No entanto, fala de uma emoção diferente do sensacionalismo mediático, uma emoção radicada ou provocada pela injustiça. Por fim, Pedro Caldeira Rodrigues salienta ainda o constante silenciamento de opiniões e vozes equilibradas que clamam pela paz e a preferência por uma forma particular de “fazer jornalismo” na “guerra invisível das redacções”, onde se prefere recorrer à simplificação e ao maniqueísmo, num jogo de ganhadores e perdedores.

No sótão do NEP

O terceiro e último debate põe frente a frente jornalismo de guerra e jornalismo para a paz (*peaceful journalism* [2]). A distinção entre estes dois tipos ou formas de fazer jornalismo baseia-se nas decisões tomadas pelos media em situações de conflitos armados, que tendem inevitavelmente a contribuir para o impulso da guerra ou para o impulso da paz. Ladislav Bizimana sublinha, a este respeito, que os media modernos, em situações de conflitos armados, amplificam frequentemente o som das armas em vez de as silenciar, incentivam e perpetuam a violência em vez de produzirem uma informação comprometida com o reforço do diálogo, com o entendimento e com a transformação positiva dos antagonismos. Quer dizer, os media ou as agências noticiosas dominantes produzem e optam por um jornalismo de guerra (que fomenta os conflitos ao oferecer uma visão parcial dos mesmos, reflectindo apenas um dos lados da história) em detrimento de um jornalismo para a paz. Na opinião de Pedro Caldeira Rodrigues, optam por um distanciamento em detrimento do compromisso.

A segunda parte deste livro dá-nos conta das distintas ambivalências (no que respeita a utilização dos media, a representação das vítimas e a prevenção de conflitos) produzidas pelo cruzamento destes três debates nos relatos de situações concretas de conflitos. Ao longo dos quatro últimos capítulos são analisados o caso da utilização da Internet durante a intervenção da NATO no Kosovo (num capítulo de Robert Hudson), as políticas de vitimização utilizadas pelos media e seus objectivos (analisadas por Stephen Ryan no caso da Irlanda do Norte), a relação entre media e o carácter difuso da prevenção de conflitos (no caso concreto da Colômbia, analisado por Manuel Salamanca) e, finalmente, Jordi Raich aponta uma crítica acesa à falta de vontade política e à ausência de compromisso relativamente à prevenção de conflitos no continente africano, onde a “promoção de conflitos” promovida durante a Guerra Fria pelas superpotências foi substituída, após o 11 de Setembro de 2001, pelo “esquecimento de conflitos”.

A informação produzida pelos media dominantes está impregnada de uma cultura da violência. Ao fim e ao cabo, os conflitos e as guerras (as guerras em directo) são também um produto para venda. A polémica e a violência vendem. O diálogo e a paz, de momento, muito pouco.

Tatiana Moura - NEP

[1] Rede criada em 1996 que tem como objectivo a promoção de projectos de investigação e de educação em cinco áreas: Direitos Humanos, Pobreza e Desenvolvimento, Assistência Humanitária, Estudos sobre Paz e Conflitos e Migração, Diversidade e Identidades. Actualmente a rede consiste em 88 universidades, seis centros de investigação e 9 organizações internacionais europeus.

[2] In www.transcend.org/pjmanual, consultada a 7/1/2004.

Bibliografia

Aldás, Eloísa Nos (2002) (org.), *Medios periodísticos, cooperación y acción humanitaria: relaciones imposibles?*. Barcelona: Icaria Editorial.

McGoldrick, Annabel e Lynch, Jake (2000), *Peace Journalism: how to do it?*, em www.transcend.org/pjmanual, Outubro.

No sótão do NEP

Memória de Actividades do NEP

Projectos NEP

"Prevenção de Conflitos Armados, Cooperação para o Desenvolvimento e Integração Justa no Sistema Internacional" (projecto em curso, financiado pelo ICP/IPAD)

Objectivos: analisar o papel que a cooperação para o desenvolvimento pode ter na prevenção de conflitos armados, evidenciando o modo como esta promove condições e políticas internas favoráveis, tais como a boa governação, instituições democráticas, uma sociedade civil forte e reformas económicas e sociais; formular um quadro teórico para a integração de Estados frágeis no sistema político e económico internacional como meio de prevenção de futuros conflitos armados.

Publicações

Fogo sobre os Media - Informação, conhecimento e crítica em conflitos armados

Coimbra: Quarteto Editora (Outubro 2003)

José Manuel Pureza, Francisco Ferrándiz (orgs.)

(<http://www.ces.fe.uc.pt/nucleos/nep/publicacoes010.php>)

La protección internacional de los derechos humanos en los albores del siglo XXI

Bilbao: HumanitarianNet (Dezembro 2003)

Felipe Gómez Isa, José Manuel Pureza

(<http://www.ces.fe.uc.pt/nucleos/nep/publicacoes009.php>)

Before Emergency: Conflict Prevention and the Media

Bilbao: HumanitarianNet (Dezembro 2003)

Mariano Aguirre, Francisco Ferrándiz, José Manuel Pureza

(<http://www.ces.fe.uc.pt/nucleos/nep/publicacoes008.php>)

Destaque

VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais – A Questão Social no Novo Milénio (Centro de Estudos Sociais – Coimbra)

Coimbra, 16, 17 e 18 de Setembro de 2004 – inscrições até 31 de Março

(<http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/index.html>)

Actividades NEP

24 de Junho a 24 de Julho de 2003

Tatiana Moura (NEP) participou no curso realizado pela Columbia University subordinado ao tema **"Human Rights and Peace Education in Brazil"**, no Rio de Janeiro (Brasil).

(<http://www.ces.fe.uc.pt/nucleos/nep/documentos/rio.pdf>)

29 a 31 de Julho de 2003

"As mulheres e a construção da paz", Curso da Arrábida organizado pelo NEP, Arrábida.

(<http://www.ces.fe.uc.pt/nucleos/nep/documentos/arrabida.pdf>)

1 a 15 de Setembro de 2003

Mónica Rafael (NEP) e Mabel González (Centro de Investigación para la Paz), juntamente com o Instituto Holandês para a África Austral (NIZA), realizaram em Luanda (Angola) um curso de formação para representantes de ONG e meios de comunicação social subordinado ao tema **"Angola. A hora da paz e a reconstrução"**.

29 de Novembro de 2003

Mónica Rafael e Tatiana Moura (NEP), respectivamente, apresentaram o caso de Timor Leste e a análise da participação das mulheres nos processos de reconstrução pós-bélica no curso **"Generar paz, reconstruir sociedades - un curso de aproximación a la rehabilitación posbelica"**, organizado pela ONG UNESCO Etxea, Bilbao (Espanha).

21 de Janeiro de 2004

Seminário do Núcleo de Estudos para a Paz sobre **"Cooperação para o Desenvolvimento e Prevenção de Conflitos"**, com apresentações de Patrícia Magalhães Ferreira (Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais) e Sérgio Guimarães (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento), CES, Coimbra.

(<http://www.ces.fe.uc.pt/nucleos/nep/documentos/seminario.pdf>)